

## **TÉCNICAS CORPORAIS E SIGNIFICADOS DO ESCOTISMO EM GIBIS E MANUAIS ILUSTRADOS: EDUCAÇÃO PARA O LAZER**

**Recebido em:** 19/11/2014

**Aceito em:** 10/08/2015

*Marcio Ferreira de Souza*

*Cinthia Lopes da Silva*

Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

Piracicaba – SP – Brasil

**RESUMO:** Os objetivos do presente trabalho são identificar e analisar: 1) como as técnicas corporais do escotismo são apresentadas em gibis e manuais ilustrados e 2) quais os significados das imagens de gibis sobre escotismo. Os gibis e manuais ilustrados sobre escotismo são produtos da mídia voltados ao lazer de crianças e jovens. Essas produções não são neutras, elas propõem conteúdos que expressam certa intencionalidade. Trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, de tipo qualitativa. Os resultados são: 1) As técnicas corporais do escotismo são apresentadas nas imagens de gibis nas seguintes situações: como fazer nós, construir brinquedos relacionados ao Movimento Escoteiro e como fazer observações na floresta, 2) as imagens analisadas reproduzem significados de alerta, controle e equilíbrio, como forma de educação e preparação da criança e do jovem para a vida adulta.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de lazer. Educação. Cultura.

### **BODY TECHNIQUES AND MEANINGS FROM SCOUTING IN COMICS AND ILLUSTRATED BOOKS: EDUCATION FOR LEISURE**

**ABSTRACT:** The objectives of this paper are to identify and analyze: 1) how the body techniques from scouting are presented in comic and illustrated books and 2) the meanings of the images found on comic books about scouting. Comics and illustrated manuals on scouting are media products aimed at the leisure of children and youth. These productions are not neutral, they propose contents that express certain intention. This work is a qualitative bibliographic and documentary research. The results are: 1) The body techniques from scouting are presented on images from comic books in the following situations: how to tie knots, build toys related to the Scout Movement, do observations in the forest, 2) the images analyzed reproduce meanings of caution, control and balance, as a form of education and to prepare youngsters for adulthood.

**KEYWORDS:** Leisure activities. Education. Culture.

## Introdução

Este trabalho buscou investigar e analisar, a partir de um referencial teórico sociocultural, imagens contidas em gibis e manuais ilustrados relacionados ao escotismo, na tentativa de verificar o seguinte problema: nota-se que há uma produção cultural relacionada ao escotismo voltada às crianças e jovens em forma de figuras, histórias em quadrinhos, almanaques e gibis, com o objetivo de ensiná-las e educá-las não formalmente.

Por definição, cabe aqui um esclarecimento inicial sobre os termos que cercam este estudo. Há diversas terminologias para o que denominamos de "quadrinhos", no entanto, optamos pela termo "gibi", de modo a facilitar a compreensão do leitor. A sigla HQ é uma abreviação de Histórias em Quadrinhos. O termo gibi, que significa "moleque" foi associado aos quadrinhos no Brasil em 1939, pelo fato de sua criação estar associada ao modelo das HQs. Em Portugal, as HQs também são chamadas de BDs (banda desenhada), enquanto nos Estados Unidos são denominados "*comics*" e no Japão "*mangás*". O termo "*mangá*" também se aplica ao Brasil, mas com utilizações e caracterizações pertinentes ao estilo japonês dessas HQs (CARVALHO, 2006).

Ainda hoje restam dúvidas sobre a origem das histórias em quadrinhos. Alguns estudiosos marcam sua criação em 1869 por um ítalo-brasileiro, enquanto outros garantem sua origem em 1895, vinculado a jornais estadunidenses. No Brasil, a primeira revista ilustrada com conteúdos de quadrinhos foi a Tico-Tico, criada em 1905 e não apresentava um formato único de quadrinhos, mas também poesias e passatempos diversos. O formato tal como conhecemos hoje, com vinhetas, desenhos, balões e diálogos passou a ser divulgado em jornais em meados da década de 1930 nos Estados Unidos (CARVALHO, 2006).

Conforme analisam Lajolo e Ziberman (1991), entre as décadas de 1940 e 1960, a partir da profissionalização e especialização do mercado editorial brasileiro, as revistas em quadrinhos ganharam maior destaque. Apoiadas em um tipo de fabricação em série e em facilidades de reprodução de histórias e temas que facilitava essa profissionalização passaram a ser reproduzidos a partir de modelos americanos. Precisamente na década de 1940, frente a um alinhamento governamental brasileiro à política econômica norte-americana, o Brasil tornou-se o principal consumidor de produtos culturais dos Estados Unidos, circulados principalmente por meios de comunicação de massa. A cultura de massa começa a ser veiculada por processos e meios modernos, a exemplo dos jornais e revistas que passam por reformulações gráficas e produções contínuas. Datam deste período, mais precisamente a partir da década de 1950, o início das publicações de "O Pato Donald" no Brasil pela Editora Abril, a revista em quadrinhos que apresentava conteúdos escoteiros.

As produções que serão analisadas neste estudo não são neutras, elas propõem conteúdos que expressam certa intencionalidade. Em virtude disso, nossos questionamentos são: 1) como as técnicas corporais do escotismo são apresentadas em gibis e manuais ilustrados? e 2) quais os significados das imagens relacionadas ao escotismo em gibis e manuais ilustrados?

O referencial para o prosseguimento de nossa pesquisa é sociocultural, já que utilizamos como aporte teórico autores das Artes, da Comunicação, da Sociologia e da Antropologia. A temática dos escoteiros é muitas vezes compreendida a partir daquilo que vemos por meio da mídia. Nos filmes, em sua maioria, norte-americanos, são comuns personagens de crianças e jovens reunidos em acampamento e vivenciando situações de convívio com a natureza.

Essas imagens da mídia são muitas vezes incompletas ou estabelecidas pelo senso comum. Os desenhos animados, por exemplo, produzidos pela The Walt Disney Company® mostram sempre as tensas relações de convívio entre os Escoteiros Mirins (vividos pelos sobrinhos Huguinho, Zezinho e Luisinho) e o chefe escoteiro (representado pelo Pato Donald - tio dos meninos). Muito além do simples convívio familiar ou das "pataquadas" produzidas para o espectador, há também formas e representações do Movimento Escoteiro que só serão notados se esse senso comum der lugar ao conhecimento sistematizado.

Para tanto, estabelecemos um referencial dividido em quatro partes: 1) Gibis e manuais ilustrados: educação para o lazer, 2) O escotismo e as técnicas corporais, 3) Percurso metodológico e 4) Análise e discussão das imagens de gibis e manuais ilustrados: as técnicas corporais e os significados do escotismo. Ao final apresentamos algumas considerações.

### **Gibis e Manuais Ilustrados: Educação para o Lazer**

Os gibis e manuais ilustrados fazem parte dos produtos que são difundidos cotidianamente pela mídia. Com base em Adorno (1986) apresentamos uma teoria crítica, denunciando a mídia como transformadora dos elementos da cultura em mercadorias. Entenda-se que neste caso a arte apreciada por meio dos desenhos e diálogos impressos em gibis e manuais ilustrados são transformadas em produtos. Mais especificamente no caso dos gibis e manuais ilustrados sobre o escotismo, vemos a avalanche de filmes, seriados, brinquedos e produtos produzidos a partir de uma matriz cultural.



A história, o personagem, o enredo, tudo vira mercadoria. Transformam-se em livros, brinquedos, bonecos, roupas, filmes [...]. Daí a crítica de Adorno e dos autores da Escola de Frankfurt que fazem a denuncia desse processo e preferem utilizar o termo “indústria cultural” do que “cultura de massa”, já que essas produções não são construídas pela população e sim por uma instituição. Outro aspecto a ser pontuado é a noção de técnica: através da produção e reprodução mecânica de mercadorias. A técnica não é mais inerente à expressão do sentimento e da estética e sim de reprodução de elementos de mercadorias.

Assim, o conceito central das ideias de Adorno, apoiado nos pressupostos ideológicos dos autores “frankfurtianos”, refere-se às ideias que circulam num contexto social, sendo a mesma lógica do ponto de vista político, aquela que forma a consciência. Em outras palavras, seria a indústria cultural formando a consciência social, no sentido da passividade e conformismo.

Outro termo conhecido é o que denominamos de “comunicação ou cultura de massa”. Sobre essa temática, Thompson (1998, p. 44) estabelece uma forma diferenciada de pensar. Segundo ele, o termo “comunicação de massa” é equivocado, pois pode gerar o entendimento de que a população participa da construção de produções que são, de fato, geradas por uma instituição. Esse termo em relação à mídia impressa equivale aos jornais e revistas.

Thompson (2002) rediscute sobre a mercantilização de formas culturais, colocando em evidência as visões de Horkheimer e Adorno sob a análise da natureza e das consequências de uma suposta indústria cultural. Segundo ele, os autores supracitados indicavam a “indústria cultural” para se referir à mercantilização de formas culturais produzidas pelas indústrias de entretenimento na Europa e EUA no final do

século XIX e início do século XX. Entre os exemplos discutidos estão o cinema, o rádio, a televisão, a música popular, as revistas e os periódicos. Horkheimer e Adorno, citados pelo autor, argumentam que o surgimento de indústrias de entretenimento como uma empresa capitalista resultou em padronização das formas culturais, e este processo não tem permitido a capacidade do indivíduo de pensar e agir de forma crítica e independente. O referencial cultural produzido por estas indústrias são concebidos e fabricados de acordo com os objetivos da acumulação de capital; não surgem espontaneamente das próprias massas, sendo bem adaptados para o consumo de massa.

Os bens produzidos pela indústria cultural não são determinados pelas suas características intrínsecas como uma forma de arte, mas pela lógica de uma instituição, em que existem a produção e a troca de mercadorias. Consequentemente, os bens são padronizados e estereotipados, e tornam-se meras permutações de tipos básicos ou gêneros: o ocidental, o mistério da série, televisão, os personagens dos gibis, etc.

Nota-se que os gibis e manuais ilustrados relacionados ao escotismo são produções da mídia consumidas pelos sujeitos em seu tempo disponível das obrigações sociais, ou seja, como forma de atividade de lazer. Nesse sentido, Marcellino (1987) afirma ser cada vez mais necessária a consideração do lazer como objeto de educação – a educação para o lazer em uma sociedade orientada pela cultura de consumo. As produções da mídia, por exemplo, são produtos voltados ao consumo do grande público. A situação da sociedade nesta fase de produção industrial e de consumo favorece a influência da indústria cultural que acaba gerando necessidades padronizadas para facilitar o consumo, perpetuando ou dificultando a superação da situação de conformismo. Sendo assim, é ainda mais necessário um processo educativo que incentive a imaginação criadora, o espírito crítico, ou seja, uma educação para o lazer,

não com o objetivo de criar necessidades, como assim o faz a mídia, mas satisfazer necessidades individuais e sociais. E o canal para isso é a educação formal (MARCELLINO, 1987).

As revistas em quadrinhos são acessíveis a uma diversidade de leitores, sobretudo às crianças e jovens, assim, é fundamental que esse seja um tema em discussão na Educação Básica. Compreendemos a escola como um espaço privilegiado para a realização de ações pedagógicas no sentido da educação para o lazer, de modo a viabilizar aos sujeitos o acesso a elementos teóricos para que possam desenvolver uma atitude ativa diante das produções da mídia. Nesse sentido, a análise de imagens de gibis e manuais ilustrados referentes ao escotismo poderá fornecer subsídios teóricos para ações pedagógicas que venham a se realizar junto a alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, no sentido de uma educação para o lazer.

### **O Escotismo e as Técnicas Corporais**

O escotismo propõe incorporar o seu estilo de vida às ações que acontecem ao ar livre, integrando experiências, também com a finalidade de recuperar as energias, o silêncio interior e os ritmos naturais. Humberstone e Clayton (2003) trazem algumas considerações entre a relação do Movimento Escoteiro (assim denominado nas suas origens, mais precisamente no Reino Unido) e a vida ao ar livre. Segundo os autores, no início de 1900, houve uma grande preocupação com o estado de masculinidade na sociedade inglesa, devido a um declínio do Império Britânico. Baden-Powell (1986), fundador do Movimento Escoteiro e defensor de um ideal social no qual predominavam ideais masculinos, baseado em sua experiência militar, criou o Escotismo como veículo e culto à masculinidade e aos princípios que, na época, julgava serem ideais para uma

sociedade. O escotismo tornou-se, então, veículo para um novo modo de se ver a política, a sociedade e o mundo. Nessa nova organização de Baden-Powell, destacavam-se a virilidade, a natureza juvenil, a tradição e o autocontrole.

A partir dos trabalhos de Marcel Mauss (2003), há uma aproximação de ideias referidas aos conteúdos do escotismo, bem como de suas técnicas e elementos. O primeiro ponto a ser discutido se aproxima daquilo que Marcel Mauss (2003) denominou de uma teoria geral da magia. Segundo o autor, a magia não deve ser entendida como algo ligado somente à religião ou aos cultos de tal ordem. A magia seria uma espécie de ciência antes da ciência, uma prática em estado puro, como forma primária do pensamento humano para explicar os fenômenos distintos. Na magia, o semelhante produz o semelhante e uma coisa age sobre a outra, muitas vezes, mesmo sem haver um contato entre essas coisas. O entendimento de magia não deve ser restrito à religião, pois, se assim for, ela passa a ser contaminada por esta, incorporando deuses, demônios e fracassos. A magia é, assim, definida pelas condições nas quais se produzem e reproduzem, ocupando um lugar notório no conjunto dos hábitos sociais.

A teoria da magia de Marcel Mauss aproxima-se dos elementos encontrados no Movimento Escoteiro tal como a noção de sobrevivência. O Movimento Escoteiro implica que haja um entendimento sobre a maneira de como o escoteiro deve proceder em relação à sobrevivência em um determinado ambiente. O guia Escotismo para Rapazes, livro de base para o Movimento Escoteiro, traz uma série de narrativas e citações que orienta o escoteiro sobre como proceder em determinados momentos, como por exemplo, na ajuda a um colega de acampamento, ou acampando na selva. A sobrevivência, neste caso, é rodeada por instruções e relatos, como a técnica da confecção de nós ou de trabalho sistemático em grupo. A sinalização com sinais de

fogo, sinais de som, vozes de comando, utilização de bandeiras e de apitos em meio à selva também caracteriza e reforça esta primeira ideia sobre essa teoria.

Outro ponto de verificação corresponde à afirmação de que os ritos são atos de práticas sociais que acontecem durante a ação dos acontecimentos. Como foi descrito anteriormente por Mauss (2003), os atos geralmente se repetem e são transmitidos por meio de fatos de tradição. O mais experiente ensina e passa ao mais novo os conhecimentos e experiências já adquiridos anteriormente. No escotismo, a caça, a pesca, as instruções de acampamento, os entendimentos sobre botânica e as diversas formas de procedimentos próprios do cotidiano escoteiro podem ser caracterizados como ritos os quais Mauss (2003) afirmou, pois há uma orientação que se constitui em ritos, fatos de tradição, que se repetem e são transmitidos pelos monitores e chefes escoteiros mais velhos aos mais jovens.

As técnicas do corpo, tais como técnicas corporais que estão presentes no Movimento Escoteiro, recorrem também às contribuições do antropólogo francês Marcel Mauss. Ao compor suas teorias, Mauss (2003) investigou de que maneira os gestos são criados e transmitidos. Segundo ele, também, as técnicas corporais são gestos simbólicos, criados a partir de um contexto cultural, que vão se tornando tradicionais e eficazes, aprendidos e transmitidos de geração em geração, onde o ser humano se distingue, sobretudo dos outros animais, pela transmissão de seus atos, de suas palavras, de seus ensinamentos e também pelas suas técnicas corporais. Toda técnica propriamente dita tem sua forma. Na íntegra, o autor nos fala que uma técnica “[...] precisa ser tradicional e eficaz, pois não há técnica nem transmissão se não houver tradição” (MAUSS, 2003, p. 407). Complementando, Marcel Mauss reitera que o corpo, como o primeiro e mais natural instrumento humano é parte integrante da técnica e que

o ser humano pode transmiti-la aos seus semelhantes. Em todos os elementos do corpo, os fatos de educação predominam e se sobrepõem à noção de imitação.

No escotismo, a técnica prevalece na maioria das atividades. Todos que se envolvem na construção ou realização de qualquer atividade escoteira atribuem significados à mesma, seja na confecção de nós, na montagem do acampamento, nas caminhadas e marchas, ou mesmo, no nado, ou em outros procedimentos corporais. A técnica é passada do mais velho, mais experiente aos mais novos, de forma tradicional.

Mauss (2003) também descreve as técnicas de consumo, as quais também são citadas no livro de Baden-Powell (1986). Consistem nos procedimentos, não só do ato de comer e, ou beber, como também, na elaboração e preparo dos alimentos. Limpar o chão, armar e acender a fogueira são os primeiros pontos a serem descritos e sua técnica deve ser cuidadosa. Cozinhar no acampamento também requer uma técnica específica, em que o corpo também faz parte. A maneira de se limpar os alimentos, de cozinhá-los, de preparar o pão e, por fim, de se alimentar, são categorias singulares e obedecem a uma ordem e domínio da técnica.

Como as técnicas corporais do escotismo são apresentadas nas imagens de gibis e manuais ilustrados? Quais os significados dessas imagens? Essas são algumas questões que pretendemos responder com a análise de algumas imagens das fontes.

## Percurso Metodológico

Figura 1 - Joãozinho "Pata tenra", o seguidor de pistas



JOÃOZINHO "PATATENRA" N.º 7 JOÃOZINHO, O SEGUIDOR DE PISTAS

Qual será o caminho a seguir?  
Adivinho eu não sou, atinal...  
Dos amigos, nem dos inimigos,  
Não descubro, não vejo um sinal.

Fonte: Escotismo para Rapazes: Edição da Fraternidade (1986) - p. 190

Para realizar esse estudo, seguimos pistas e trilhas como fazem os escoteiros. Segundo o guia “Escotismo para Rapazes”, rastrear ou seguir uma trilha consiste em um dos melhores meios do explorador para obter informações e examinar as marcas deixadas no acampamento ou no meio natural em que ele está inserido. Os passos e, ou pegadas encontradas mostram indícios e caminhos por onde se deve percorrer. As pistas encontradas levam a um determinado caminho, que, por sua vez, leva a finalização do que se pretende encontrar (BADEN-POWELL, 1986). Assim, entendemos que esta pesquisa também teve um caminho a ser percorrido, tal como uma trilha em que estabelecemos critérios, métodos e maneiras de se pesquisar. Dessa forma, a Metodologia consiste “[...] no caminho do pensamento e na prática exercida na realidade [...]”, incluindo aí as concepções teóricas de abordagem e o conjunto de técnicas que possibilitam a construção dessa realidade (MINAYO, 2012, p. 16). Assim, toda investigação se inicia a partir de uma dúvida ou uma pergunta, com uma questão,

que é por sua vez articulada a conhecimentos anteriores e demandam a criação de novos referenciais (Ibid.).

As perguntas que iremos responder neste trabalho são: 1) Como as técnicas corporais do escotismo são apresentadas nas imagens de gibis e manuais ilustrados? e 2) quais os significados das imagens de gibis e dos manuais ilustrados relacionadas ao escotismo?.

Caracterizamos esse estudo como qualitativo, onde procuramos realizar uma discussão que atenda a esse propósito, respondendo a questões particulares, cuja preocupação nas ciências sociais não pode ser quantificada. Minayo (2012) explica que existe uma relação dinâmica entre o real e o sujeito, num vínculo que não pode ser traduzido em números, pois está indissociável entre a subjetividade do sujeito e o mundo objetivo. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é trabalhada com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, não sendo reduzida à operacionalização de variáveis, mas sim, a profundas relações de processos e fenômenos.

Quanto ao tipo de pesquisa, caracteriza-se como bibliográfica e documental. A primeira fase desse trabalho consistiu num período exploratório, determinada pela pesquisa bibliográfica. Severino (2007) caracteriza como bibliográfica uma pesquisa que parte de registros já disponíveis de estudos anteriores, seja por meio de documentos impressos, tais como livros, teses, artigos, dentre outros. Os dados neles contidos, já trabalhados e registrados por outros pesquisadores servem de contribuições para que outras pesquisas possam ser efetuadas. Destacamos um referencial teórico sociocultural, onde Theodor Adorno, John Thompson, Marcel Mauss e Nelson C. Marcellino destacam-se como principais autores. Para Gil (2002) uma pesquisa bibliográfica é



executada por livros e artigos científicos já elaborados, sendo os livros as principais fontes bibliográficas existentes. Podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência. Um cuidado necessário ao se processar uma pesquisa bibliográfica, segundo o autor, é assegurar-se de que os dados obtidos são coerentes e que não há incoerências e contradições, cotejando-as cuidadosamente. As palavras-chave utilizadas foram: jogo, escoteiro, escotismo, mídia, indústria cultural, lazer, cultura.

A segunda fase desse trabalho compreendeu um período de busca de fontes documentais, por meio de análises de conteúdo e de imagens. Uma pesquisa documental se assemelha à pesquisa bibliográfica com uma diferença nas fontes, sendo que a documental é apenas pautada de materiais que não receberam um tratamento analítico, a partir do qual se deve desenvolver a investigação e análise (SEVERINO, 2007). Há vantagens nesse tipo de pesquisa, pois se considera que os documentos são fontes ricas e estáveis de dados e não se exige um contato com os sujeitos da pesquisa. Há também limitações, como a subjetividade de alguns documentos. Contudo, esse tipo de pesquisa é de grande valia, pois traz melhor visão de um problema ou hipótese, proporcionando uma verificação por outros meios (GIL, 2002).

Utilizamos a técnica de análise de conteúdo das fontes documentais em diferentes fases, segundo Bardin (1977, p. 95), a partir da pré-análise, pela organização, sistematização das ideias e escolha inicial dos documentos; a exploração do material, codificando fontes; tratamento dos resultados, inferência e interpretação, prevalecendo uma análise qualitativa. Gil (1989) complementa as ideias de Bardin, reforçando que a exploração do material e sua análise constitui uma fase longa e objetiva. As decisões devem ser tomadas na pré-análise dos conteúdos e, posteriormente, existindo recortes e

escolhas das regras de análise, tais como a enumeração dessas unidades e a classificação dos conteúdos.

Cabe, no entanto, uma observação quanto a forma de análise dos materiais referenciados a gibis. O primeiro cuidado a se ter é com a questão da alteridade, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do sujeito do discurso (LAJOLO, 1997). Já para Viana (2013), há uma carência da base teórico-metodológica na análise das revistas em quadrinhos, sendo esta talvez a razão pela qual as análises de gibis são geralmente descritivas. Para o autor, analisar as histórias em quadrinhos significaria investigar os diversos tipos de mensagens que elas enviam aos leitores.

Sobre essa análise de imagens, realizamos uma aproximação com as ideias de Joly (2009), Acevedo (1990) e Will Eisner (1989), com a finalidade de construir uma análise apropriada da arte sequencial.

Joly (2009), tem como referência Peirce e Roland Barthes e expôs alguns critérios para este tipo de verificação, tais como: 1-) Propor o objeto de análise; 2-) Vinculá-lo à ferramenta teórica que consegue explicá-lo; 3-) Definir se o objeto é fixo, animado, sequencial; 4-) Abordar a complexidade da imagem e sua natureza, imitação, traço e convenção (abordagem semiótica); 5-) Complementar o objeto de imagem e os tipos de linguagem e mensagens (plástica, icônica e linguística), enriquecendo a reflexão. Analisamos, com base na autora, os conteúdos das imagens a partir de três formas: da mensagem plástica, da icônica e da linguística de um determinado objeto. A mensagem plástica consiste na maneira pela qual um objeto se encontra em seu estado total, representando a forma, as cores, e a disposição das imagens e, ou letras, revelando significados. Já a mensagem icônica revela uma determinada informação a partir de um ícone ou figura representativa, tal qual quando olhamos a Torre Eiffel e a interpretamos

como se fosse a cidade de Paris, ou olhamos uma xícara e representamos o café. Já a mensagem linguística, se houver, representa a forma de um texto ou letras para que compreendamos os significados da mensagem, como forma de ancoragem para o restante da imagem (JOLY, 2009, p. 108 – 110).

Já Acevedo (1990) e Willl Eisner (1989), estudiosos dos quadrinhos e da arte sequencial, propõem um tipo de análise mais dinâmica, fundamentada a partir da observação direta dos personagens e da configuração estética das imagens expressas nos quadrinhos.

Acevedo (1990) propõe uma análise de personagens caracterizados a partir de sua norma de conduta de vida seguida no enredo da história. Dessa forma, personagens podem ser classificados como mocinhos ou bandidos. Ele considera, ainda, os personagens como sendo de duas formas: os psicológicos (assemelham-se aos homens reais); e os arquetípicos (são simbólicos, como um herói, bandido, mulher fatal ou cientista descuidado). Quaisquer tipos que sejam os personagens, considera-se a necessidade de haver equilíbrios de ações e diálogos entre eles.

Já Will Eisner (1989) propõe um tipo de análise artística estética dos quadrinhos como arte sequencial, configurada pela interpretação visual e verbal das imagens. Neste caso, são analisadas as posturas simbólicas das personagens, as imagens sem palavras, o "timing" (ação do tempo espacial) e os ritmos. São também avaliados o controle sobre os quadrinhos, expressos na direção da história, o quadro e os requadros, delimitações estruturais e a perspectiva dos desenhos. Há também uma análise da figuração do corpo e do rosto, expressa por meio de uma anatomia expressiva. Por fim, Eisner avalia as aplicações do uso da arte sequencial: instrutiva, geralmente feita a partir de um conjunto de imagens com mensagens instrutivas (presentes em manuais e

almanaques) e a do entretenimento, que revela indução de comportamentos e atitudes, como o humor por exemplo (mais encontradas em vinhetas ou sequências de quadrinhos).

A pesquisa documental parte de fontes possíveis de análise dos conteúdos dos jogos escoteiros, tais como revistas em quadrinhos editadas no Brasil em edições especiais, e também, em manuais de jogos escoteiros que são disponibilizados em *sites* ou mídias eletrônicas. Há uma dificuldade de se encontrar os manuais tradicionais de repertório de atividades em forma de livros e, ou livretos, uma vez que o conteúdo apresentando na internet se tornou mais amplamente difundido. Utilizamos essas fontes documentais virtuais e de mídia, com o intuito de analisarmos as brincadeiras, seus conteúdos e propósitos. O material aqui apresentado e analisado foi primeiramente encontrado em um *site* específico de compartilhamento de gibis digitalizados, denominado A Gibiteca, disponível em <<http://www.agibiteca.com.br>>.

A análise dos conteúdos e das imagens foi realizada inicialmente por meio de uma leitura inicial nos documentos disponibilizados. O objetivo dessa análise documental consistiu no enriquecimento da discussão desse trabalho, além de proporcionar melhor discussão com as fontes escoteiras diretas. Assim, aproximamos todas as análises, a fim de que entendamos de que forma a educação de valores, as técnicas corporais, os símbolos e o contato com a natureza promovem o escotismo.

Os documentos analisados estão em forma de gibis, ou ainda, em formato de manuais ilustrados. Justificamos a análise desses tipos de documentos, pois percebemos que, por meio deles, são encontrados os principais elementos do Movimento Escoteiro. Notamos, principalmente, que, por meio dos almanaques, imagens e quadrinhos, esses elementos podem ser reproduzidos pelas crianças, seja por meio da leitura das histórias

e/ou, ainda, por meio da assimilação e apreciação das imagens contidas nesses documentos.

Inicialmente, esses materiais eram produzidos, editados e disponibilizados em bancas de jornal, onde eram comercializados periodicamente em edições quinzenais, mensais e, ou em edições especiais. Por muito tempo, a forma pela qual a circulação desse material foi realizada aconteceu de maneira tradicional: em que o leitor ia até a banca e adquiria os exemplares, ou os conseguia por intermédio de intercâmbio de materiais com outros leitores, ou os conseguia em lojas especializadas, como sebos ou revistarias. Hoje, dada à facilidade de se encontrar diversos materiais, dos mais variados tipos e em formato digital nas redes sociais, ou em *sites* específicos de compartilhamento de arquivos, há uma quantidade significativa dos mais diversos tipos.

Tomamos como procedimento de escolha das fontes denominadas gibis, os que tivessem inicialmente a temática e o título referentes ao Movimento Escoteiro, tais como o Manual do Escoteiro Mirim, Edição Extra dos Escoteiros Mirins e o Manual do Verde. Também escolhemos materiais que pudessem compor melhor a estruturação das ideias, por isso, selecionamos três representações: a fabricação do brinquedo escoteiro, a partir do que discutimos sobre a técnica (neste caso a técnica manual, conforme a Figura 2); outro ponto seria o controle escoteiro representado na forma de organização da patrulha (capa do Manual do Escoteiro Mirim, conforme a Figura 1); a vivência das experiências ao ar livre (como por exemplo, tomamos a observação do meio natural e dos animais da floresta, conforme a Figura 3). Justificamos essa escolha por ela nos permitir elencar elementos do Movimento Escoteiro, a vida ao ar livre, seus significados e as técnicas utilizadas.

## **Análise e Discussão das Imagens de Gibis e Manuais Ilustrados: As Técnicas Corporais e os Significados do Escotismo**

Como forma de análise, procuramos evidenciar como descreve Joly (2009), os três tipos de mensagens e significados das imagens a seguir. Posteriormente realizaremos observações a partir de Acevedo (1990), Eisner (1989) e Mauss (2003), na tentativa de responder quais os significados e como as técnicas corporais do escotismo são apresentadas nas imagens de gibis e manuais ilustrados.

Apresentamos a capa do Manual do Escoteiro Mirim. Editado em 1970, seus conteúdos eram exibidos em textos curtos, com ilustrações que envolviam o leitor, com cores fortes e quentes (destaque para o amarelo e o vermelho). Também apresenta cores frias, na tentativa de balancear o contraste da imagem.

Figura 2 - Capa do Manual do Escoteiro Mirim



Fonte: Manual do Escoteiro Mirim - 3ª. Edição - 1970

A mensagem plástica aqui encontrada pode ser entendida como uma forma de chamar a atenção do leitor, em cores fortes e tonalidade única, talvez, na tentativa de reproduzir alguns elementos do Escotismo, tal como a impressão de suas ações. Os olhos abertos, o sinal de alerta e a posição de sentido revelam também a robustez e a seriedade do Movimento Escoteiro. Quanto à mensagem icônica, vemos a representação ao fundo do acampamento e dos chapéus e lenços utilizados pelos escoteiros. A mensagem linguística, nesse caso, não está evidente, pela falta de diálogo entre os personagens da figura. No entanto, essa mensagem se faz evidente pela forma do desenho e seriedade da figura.

Talvez, o que se queira falar é mesmo o chamado de Baden-Powell “*Sempre alerta!*”, de maneira que o leitor esteja também atento, pronto, vigilante e bem preparado, como na figura dos personagens impressos na capa. Esse pressuposto se confirma, se considerarmos que Baden-Powell propunha um conjunto de práticas ritualísticas e simbólicas que disseminassem valores e normas sociais, tal como desejavam os reformadores da Educação da época. Nascimento (2008, p. 14) escreveu que “[...] a Pedagogia do Escotismo constituiu um discurso que tinha propostas normatizadoras”.

Os personagens aparecem nesta primeira imagem como uma fotografia tirada num cerimonial em um acampamento escoteiro (ao fundo). Podem ser classificados como “mocinhos” do tipo arquetípico (heróis, obedientes), mesmo com a posição inquieta e surpresa do chefe escoteiro Donald. Percebemos uma interpretação visual (sem palavras). No entanto, há certos símbolos estabelecidos na forma da bandeira, dos chapéus, das cornetas e do próprio acampamento, que revelam uma certa postura por

parte dos personagens. Nota-se o controle de corpo (posição de alerta) na configuração do quadro e uma anatomia normatizadora.

Vemos ainda, pela teoria da magia, uma aproximação com a questão da reprodução de hábitos sociais, na forma de sinalização do alerta (mão à cabeça), bandeira e corneta. Quanto aos ritos, vemos as ações sociais num acampamento na forma de tradição (posição de alerta, gestos simbólicos manuais, presença do escoteiro chefe). O controle corporal (posição ereta) na imagem também evidencia um tipo de técnica corporal.

Um outro trecho do mesmo manual trata da fabricação de brinquedos pelos próprios leitores e, posteriormente, a sugestão de como usá-los, como vemos na imagem a seguir. Aqui há um exemplo de como o Manual de Escoteiro Mirim (1970) sugere a fabricação de um brinquedo, neste caso, um cocar indígena. Também são apresentados os materiais e uma sugestão de jogo para o leitor executar após a confecção manual do objeto.



Figura 3 - Brinquedo: Como se faz um cocar de chefe pele-vermelha



Fonte: Manual do Escoteiro Mirim - 3. ed. 1970, p. 16 -17

A mensagem plástica da imagem aqui encontrada pode ser entendida como uma forma de instrumentalizar o leitor para reproduzir um modelo de brinquedo e jogo. Quanto à mensagem icônica, vemos a figura do brinquedo cocar como representação de um jogo e teatralização de um chefe indígena. Por fim, a mensagem linguística, nesse caso, se evidencia pelo modo de fazer, como também acontece pelas instruções dos manuais escoteiros. Consideramos a imagem como forma de instrumentalizar e normatizar a criança de maneira que ela possa preparar seu brinquedo e seu jogo imaginário.

Nesse caso, podemos retomar também às ideias de Adorno (1986) ao se referir à indústria cultural. O sentido da imagem propõe o passo a passo para a construção de

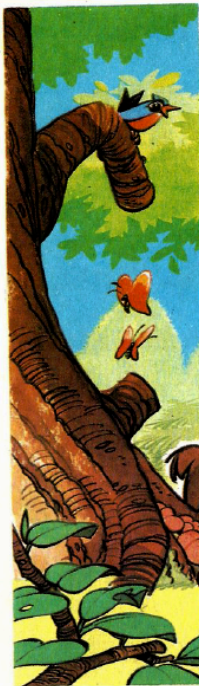
um cocar indígena, ou seja, um elemento da cultura indígena (reutilizada pelo escotismo) sendo transformado em informação a ser difundida e consumida.

O personagem apresenta-se como "mocinho", de característica arquetípica (neste caso, imaginando ser um chefe herói indígena). Há interpretações visuais e verbais nesta imagem. Visual, no sentido de existir uma postura simbólica corporal (imitando ou reproduzindo o andar de um chefe indígena norte-americano). Verbal, no sentido de descrever um personagem imaginário denominado Touro Sentado. Percebe-se também um controle na figura e um "timing" (ação do tempo) na organização e fabricação do brinquedo. Há ainda, figurações de corpo e rosto que expressam uma anatomia de imitação do chefe indígena e evidente uso instrutivo (confeção do brinquedo e da brincadeira) e de entretenimento (relatando comportamentos e humor).

Pela teoria da magia, percebemos a questão do trabalho manual (cocar, assim como os nós) e as técnicas instrumentais para realizá-lo. Percebemos a tradição, onde a aprendizagem pode ser transmitida e o brinquedo produzido e reproduzido num contexto cultural.

Além do exemplo do Manual do Escoteiro Mirim, outra produção que podemos analisar consiste no Manual do Verde (1988), editado também na forma de manual ilustrativo. Como exemplo tomamos parte do conteúdo em que são mostradas instruções de como proceder no exercício de observação na floresta.


Figura 4 - Como observar animais na floresta



**COMO OBSERVAR OS ANIMAIS NA FLORESTA**


**S**e você quiser fazer uma excursão ao campo ou à floresta para observar alguns animais, deve tomar algumas precauções. Os Escoteiros-Mirins conhecem alguns truques que vão ajudar você a observar os animais, sem assustá-los. Olhe só!

14



**Como caminhar:** é claro que, se você caminhar fazendo barulho, quebrando galhos, amassando folhas secas, vai fazer com que todos os animais fujam em disparada. Por isso, você


deve caminhar sobre a relva, com passos leves. E você não deve esquecer, também, que os animais estão sempre atentos. Eles podem perceber que você está por perto.



**Onde ficar:** o melhor lugar para ficar é na frente de uma árvore, encostado nela. Você deve ficar abaixado e, de preferência,

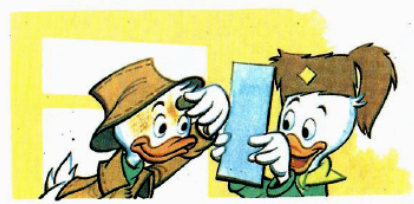
sem se mexer. Assim, mesmo que você esteja visível, o fato de você estar imóvel vai tranquilizar os animais.

15



**Como se vestir:** é inútil se fantasiar com folhas, pensando que assim você não vai espantar os animais. Pelo contrário, você vai fazer um barulhão enquanto caminhar. O ideal é usar


roupas de cores discretas, botas de couro com solas de borracha e, principalmente, não levar com você nenhum objeto metálico que possa refletir o sol!



**Como se disfarçar:** se você for bem branquinho, como Huguinho, Zezinho e Luisinho, seu rosto e suas mãos serão visíveis no bosque. Por isso, queime uma rolinha na chama de um


fósforo, espere esfriar, e passe a parte queimada no pescoço, no rosto e nas mãos. Mas, se você for moreninho, não é preciso tomar esse cuidado.

16



**Como observar:** ficar completamente imóvel é a melhor maneira de não assustar os animais. Por isso, escolha uma posição bem confortável, para ter certeza de que não vai fi-

car cansado. Se você tiver um binóculo, trate de ajustá-lo da melhor maneira e fazer poucos movimentos, quando quiser usá-lo. E fique atento, esperando os animais chegarem perto.



**Como identificar o que se está observando:** antes de partir para a floresta, pegue um bom livro e procure se informar sobre os animais que existem na região, que você pretende percorrer.

17

Fonte: Manual do Verde - 1988 - pp. 16 - 17

Esta figura consiste no mesmo modelo e formato editado que o anterior, com a diferença que se utiliza da temática da educação ao ar livre e do meio natural para expor alguns significados. A mensagem plástica desta imagem aqui analisada revela a cor verde como principal tom utilizado, o que mostra a vida ao ar livre e o meio natural. Outra mensagem plástica são as expressões faciais dos personagens, que remetem a certo controle sobre os utensílios e sobre o próprio meio natural. Quanto à mensagem icônica, vemos a figura do verde e das árvores, assim como, dos instrumentos utilizados. A mensagem linguística das imagens e do texto revela as técnicas do corpo (onde ficar), técnicas de observação (como olhar, verificar), a teatralização (representação, disfarce, camuflagem) e a preparação antecipada da criança e do jovem para se observar o meio natural (verificação de material sobre o local a ser explorado).

Percebemos aqui um coletivo de imagens que vão formando uma arte sequencial, tal como aponta as histórias em quadrinhos à maneira como conhecemos em sua maioria. Há vários personagens nestas imagens: primeiramente, os animais estão caracterizados como secundários, enquanto os observadores escoteiros são configurados como sujeitos psicológicos, representando possíveis personagens reais. São evidentes: a interpretação visual (por meio de posturas simbólicas, tais como: as posições corporais na floresta, a representação da caminhada de observação, as vestimentas e camuflagens, além da maneira de se identificar espécies da flora e da fauna) e a interpretação verbal (por meio das orientações). Percebemos um "timing" no sentido de existir uma ação e sequência lógica de tempo na ocasião da observação.

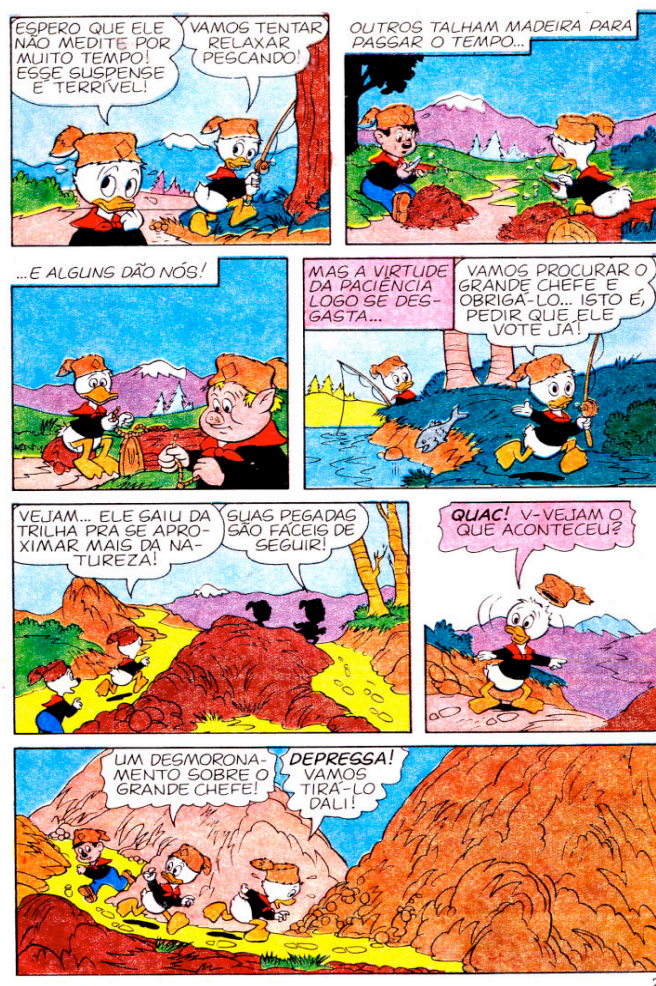
As figurações do corpo e do rosto são representativas, tanto no sentido instrutivo (de entretenimento, correlacionando instruções de orientação e observação) quanto de induzir o leitor a agir conforme o que se pede. Existe também a prática em



estado puro do trabalho sistemático da observação no meio natural com a imitação dos animais, sinalização na selva, pintura no rosto etc., que reforça a teoria geral da magia. Quanto aos ritos, observamos a tradição da técnica da observação botânica que pode ser transmitida a outros sujeitos. Há também técnicas do corpo utilizadas nas atividades da mata, ilustradas nas posições corporais necessárias a esse tipo de observação.

A próxima figura está relacionada precisamente a um trecho de história, editado em um gibi de 1978, com o intuito de alargar nossas considerações. Os elementos nele contidos e que serão descritos auxiliam num aprofundamento de nossas reflexões.

Figura 5 - Fragmentos História "Escoteiros Mirins e o bom lobo mau"



Fonte: Edição Extra - Escoteiros Mirins, n. 90, dez. 1978 - p. 25

Ao analisarmos os três tipos de mensagens desta imagem, encontramos um equilíbrio e controle entre cores frias e quentes dentro da mensagem plástica. Os personagens também se encontram em determinada ação em cada quadrinho: ora estão pescando, ou correndo, ou manuseando nós, ou seja, sempre estão realizando alguma atividade ou se preparando para ela. Encontramos objetos e instrumentos na mensagem icônica que são representativos das ações do Escotismo ou revelam um tipo de tarefa ou jogo que devem realizar em cada quadrinho. A mensagem linguística expressa novamente as técnicas manuais (nós), técnicas de salvamento (resgate no desmoronamento de rochas), técnicas de observação (pegadas), as atividades ao ar livre (descanso), tarefas e preparação para a vida no acampamento.

Os personagens podem ser identificados como mocinhos. Passam de psicológicos, como seres reais que realizam as atividades cotidianas do escotismo a seres arquetípicos, fundamentando-se como heróis na ação do salvamento do escoteiro chefe. Existem interpretações visuais e verbais, com os personagens em posturas simbólicas. Há também um "timing" com ações de tempo que delimitam as atividades dos escoteiros, desde as atividades ao ar livre até a ação de resgate. Percebemos um controle dos quadros e dos requadros (neste caso, a ordem dos quadrinhos perfazem a clássica orientação esquerda para a direita, retornando abaixo, novamente da esquerda para a direita). As anatomias expressivas são caracterizadas tanto no corpo (desenhos dos personagens correndo, em movimento, sentados atentos às atividades próprias do escotismo) quanto no rosto (expressões de alerta, atenção, euforia, agitação e surpresa). Há um uso instrutivo e de entretenimento que demonstram ao mesmo tempo indução de certos comportamentos, humores e ações emergenciais de salvamento.

Quanto à teoria geral da magia, podemos identificar as ações nos quadrinhos na forma de produção e reprodução de certos hábitos sociais, ilustrados na confecção de nós, da talha em madeira, da pesca, dentre outros. Os ritos também são expressos na forma da pesca, das instruções de pegadas na floresta e nas trilhas percorridas. Verificamos nestes quadrinhos que os fatos sociais são identificados e firmam-se em um contexto sociocultural.

Ao revelar algumas técnicas do corpo ilustradas nas fontes, notamos que diferentemente de como uma técnica é ensinada – de modo eficaz e tradicional, de pessoa para pessoa, de acordo com Mauss (2003), aqui também há a mediação da instituição mídia, sendo que o leitor terá acesso a um exemplo de técnica corporal e de seus sentidos, a partir da interpretação realizada por tal instituição. Essas informações poderão ser transformadas em conhecimentos ao pensarmos em uma ação pedagógica com a finalidade de educação para o lazer. Nesse caso, as crianças e jovens poderão contrapor o que os manuais ilustrados trazem de informação com o conhecimento acerca dos grupos escoteiros, de como vivem e de como realizam suas técnicas corporais. Com isso, vislumbra-se rever o propósito do que Adorno (1986) denomina de indústria cultural (que aqui nos referimos a produções como os gibis e manuais ilustrados), de formação da consciência social, no sentido da passividade e conformismo.

Basicamente, os elementos analisados foram fundamentados em Joly (2009), por meio das mensagens plástica, icônica e linguística. Também tivemos como base as ideias de Acevedo (1990) e Eisner (1989), que fundamentam verificações por meio das concepções artísticas e sequenciais.

Nas mensagens plásticas analisadas, encontramos equilíbrio entre os elementos, com traços desenhados fortes e mais livres, em cores frias e quentes. Também encontramos diferenças entre os quadrinhos, onde os escoteiros estão em seu acampamento ou fora dele. No acampamento, os elementos estão geralmente em ordem, seja por meio da disposição das barracas, das árvores, da fogueira ou dos próprios escoteiros, em fila ou sob o comando de outra pessoa. Já nos quadrinhos que representam o meio natural, estes estão mais livres, porém não menos alertas. Nas mensagens icônicas, objetos ou elementos que representam o escotismo estão presentes: boinas ou chapéu escoteiro, bastão, lenços, patrulhas, cabanas, acampamentos, nós, dentre outros. Esses elementos encontrados nas nossas análises representam ícones do escotismo. As mensagens linguísticas não estão totalmente explícitas. A maioria delas está na forma de representações ocultas, onde se destaca, por exemplo, a seriedade em algumas atividades, as técnicas, a normatização de algumas ações e da própria criança e do jovem, as técnicas do corpo e as técnicas ao ar livre, dentre outros.

A partir das reflexões de Marcel Mauss (2003), aproximamos suas fundamentações aos conteúdos do escotismo, bem como de suas técnicas e elementos. Assim, certas considerações escoteiras para explicar alguns fenômenos naturais e de sobrevivência podem ser discutidos a partir da teoria geral da magia. As condições de produção e reprodução de hábitos sociais escoteiros podem ser explicados pela tradição. As atividades corporais de higiene pessoal, de organização e manipulação de alimentos podem ser aproximadas das teorias das técnicas do corpo e de consumo.

Portanto, ao respondermos aos questionamentos iniciais deste estudo, podemos, de maneira geral, afirmar que todos os elementos analisados e apresentados nos gibis, manuais e ilustrações se assemelham e reproduzem significados de alerta,



controle e equilíbrio entre os elementos analisados, como forma de educação e de preparação da criança e do jovem para a vida adulta. Isso pode ser identificado na maneira como as imagens são construídas e como se dá o aprendizado das técnicas corporais a partir de tais imagens como fazer nós, construir brinquedos relacionados ao Movimento Escoteiro e como fazer observações na floresta.

Essas imagens sugerem uma intervenção no âmbito da Educação Básica nas aulas de Educação Física, no sentido dos alunos terem acesso ao conhecimento sistematizado para a compreensão das imagens de gibis e manuais ilustrados, com a finalidade de uma educação para o lazer. Dessa maneira, podemos considerar que ao longo da vida, no tempo disponível das obrigações sociais, as crianças e jovens poderão usufruir das leituras de gibis e manuais ilustrados de maneira a ter uma atitude ativa, em que poderão refletir sobre os significados de tais imagens produzidas pela mídia e desenvolver uma certa posição com relação a elas.

### **Considerações Finais**

Este trabalho apresentou uma análise acerca das imagens de HQs em gibis e manuais ilustrados relacionados ao escotismo, em que identificamos elementos referentes a construção das imagens e reprodução de elementos do escotismo. Pudemos também identificar a partir desses elementos a difusão de técnicas corporais a serem aprendidas por crianças e jovens, leitores das fontes analisadas.

Como resultados da investigação identificamos que as técnicas corporais do escotismo são apresentadas nas imagens de gibis nas seguintes situações: como fazer nós, construir brinquedos relacionados ao Movimento Escoteiro e como fazer observações na floresta. Além disso, que as imagens analisadas reproduzem

significados de alerta, controle e equilíbrio, como forma de educação e preparação da criança e do jovem para a vida adulta.

Existe uma certa orientação e educação que se dá pelos gibis e manuais ilustrados, no entanto, por outro lado há a potencialidade dos sujeitos em refletir, em construir conhecimentos e com isso poderão se contrapor, rever e atribuir novos significados às imagens de gibis e manuais ilustrados. Para isso, consideramos como fundamental uma ação pedagógica nas escolas de Educação Básica que considere essas produções da mídia e que as confronte com o conhecimento sistematizado.

Esta análise também propõe a construção de projetos de pesquisa que tenham como foco os gibis e o escotismo, o que poderá gerar diálogos acadêmicos e a produção de novos conhecimentos acerca de tal movimento.

Espera-se com este estudo trazer contribuições para os profissionais que atuam na escola, assim como para aqueles que atuam no âmbito do lazer e no campo da Educação Física, no sentido de reverem sentidos e valores relacionados à educação do corpo.

## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, J. **Como fazer histórias em quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. (Org.) **Theodor W. Adorno: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.
- BADEN-POWELL, R. S. S. **Escotismo para rapazes**: Edição da Fraternidade Mundial. Curitiba: União dos Escoteiros do Brasil, 1986.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CARVALHO, D. **A educação está no gibi**. Campinas: Papyrus, 2006.
- EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**: a compreensão e a prática da forma de arte mais popular do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

**EDIÇÃO EXTRA** - Escoteiros Mirins. São Paulo: Editora Abril, 1978. (Exemplar eletrônico). Disponível em: <<http://www.quadrinhosantigos.blogspot.com/2010/02/edicao-extra-manual-do-escoteiro-mirim.html>>. Acesso em: 02 set. 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

HUMBERSTONE, B.; CLAYTON, B. Culture of masculinity and modern outdoor life. In: BECKER, P.; SCHIRP, M. **Critical Cultural and modernization views towards**. Erlebnispädagogik, 2003. Disponível em: <http://www.unimarburg.de/fb21/ifsm/aep/downloads/cultdimension07/humberstone07br> . Acesso em: 03 out. 2013.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2009.

LAJOLO, M. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. de. (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

**MANUAL do Escoteiro Mirim**. 3. ed. São Paulo: Editora Abril, 1970. (Exemplar eletrônico). Disponível em: <<http://www.quadrinhosantigos.blogspot.com/2010/02/manual-do-escoteiro-mirim.html>> Acesso em: 03 jan. 2012.

**MANUAL do Verde**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Exemplar eletrônico). Disponível em: <http://minhateca.com.br/clodomar/HQ/MANUAL+DISNEY/MANUAL+DO+ESCOTEIRO+MIRIM,53632327.pdf> Acesso em: 03 jan. 2012.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 11. ed. Campinas: Papirus, 1987.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, J. C. do. **A Escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, J. B. **Ideología y cultura moderna: teoría crítica social en la era de la comunicación de masas**. 2. ed. México: Universidade Autônoma Metropolitana, 2002.

THOMPSON, J. B. **Lós media y la modernidad:** una teoria de lós medios de la comunicación. Barcelona: Paidós, 1998.

VIANA, N. **Quadrinhos e crítica social:** o universo ficcional de Ferdinando. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

**Endereço dos Autores:**

Marcio Ferreira de Souza  
Rua Dr. Moacir do Amaral, 619 – Bela Vista  
Cosmópolis – SP – 13.150-000  
Endereço Eletrônico: marcio\_fsza@yahoo.com.br

Cinthia Lopes da Silva  
Av. Júlio de Mesquita, 590 - Apt. 92 – Cambuí  
Campinas – SP – 13.025-907  
Endereço Eletrônico: cinthiasilva@uol.com.br